



Experimentações autobiográficas: modos de transver a Amazônia e a mulher Amazônida¹

Autobiographical experimentations: ways of re-seeing the Amazon and the Amazonian woman

 Fabiane Andrade Batista

Mestranda em Educação em Ciências na Amazônia

Universidade do Estado do Amazonas – UEA 

Manaus, Amazonas – Brasil

fab.mca23@uea.edu.br

 Hívina Dorzane Machado

Mestranda em Educação em Ciências na Amazônia

Universidade do Estado do Amazonas – UEA 

Manaus, Amazonas – Brasil

hdm.mca23@uea.edu.br

 Mônica de Oliveira Costa

Doutora em Educação em Ciências e Matemática

Universidade do Estado do Amazonas – UEA 

Manaus, Amazonas – Brasil

mdcosta@uea.edu.br

Resumo: Entre dizeres, poemas, imagens e cartões-postais, movimentamos o desejo de inventar outras Amazônia e multiplicar as ideias de mulher amazônida. Neste trabalho, tecemos pensamentos por meio de um recorte formativo de duas mestrandas do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC), ao arquitetar modos inventivos de desenvolver o Impacto Social. Este elemento mencionado foi organizado através de uma experimentação com palavras e imagens com acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado do Amazonas. Alinhadas à escrita de si foucaultiana (1992) e a transvisão manoelina (1996), discutimos os modos acostumados de ver e dizer a Amazônia e a mulher amazônida, destacando os efeitos para a docência. A escrita de si mobilizada pela experimentação é potência no deslocamento das fixações que nos habitam, na mesma medida que é reinvenção de uma Amazônia, como também de uma mulher amazônida borrada, proporcionando constituições múltiplas, menores, singulares.

Palavras-chave: escrita de si; Amazônia; corpo-fotografia; transver; mulher.

Abstract: Among sayings, poems, images, and postcards, we stir the desire to invent other Amazons and multiply the ideas of the Amazonian woman. In this work, we weave thoughts based on the formative journey of two master's students from the Graduate Program in Science Education in the Amazon, who design inventive ways of generating social impact. The article is the result of an experimentation based on the Philosophy of Difference with (dis)words and (dis)images with geography undergraduates from the State University of Amazonas. Grounded in Foucaultian self-writing and Manoel de Barros's transvision, we discuss how we are habituated to seeing and describing the Amazon and the Amazonian woman, as well as its effects on teaching. It is understood that self-writing mobilized by experimentation is both a force to displace the fixations that inhabit us and a reinvention of the Amazon and the Amazonian woman by providing multiple, smaller, and singular constitutions.

Key-words: self-writing; Amazon; woman; re-see.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

BATISTA, Fabiane Andrade; MACHADO, Hívina Dorzane; COSTA, Mônica de Oliveira. Experimentações autobiográficas: modos de transver a Amazônia e a mulher Amazônida. *Dialogia*, São Paulo, n. 49, p. 1-14, e26815, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/49.2024.26815>

American Psychological Association (APA)

Batista, F. A., Machado, H. D., & Costa, M. de O. (2024, maio/ago.). Experimentações autobiográficas: modos de transver a Amazônia e a mulher Amazônida. *Dialogia*, São Paulo, 49, p. 1-14, e26815. <https://doi.org/10.5585/49.2024.26815>

¹ Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

O olho vê

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê ... É preciso transver o mundo.
Manoel de Barros, 1996

Um olhar demorado, oblíquo, contemplativo que começa em nós e se disponibiliza para ver mais a fundo: *é preciso transver o mundo!* Dessa maneira, inicia-se esta escrita, como um convite da poética manoelina diante de um caminho transversal, na qual serviu de inspiração para trabalharmos com o poema: “As lições de R. Q”, de Manoel de Barros (1996), e com a ferramenta da “escrita de si”, em Michel Foucault (1992). É nesse percurso, do narrar e problematizar nossas experiências educativas, que recorremos a esse recorte formativo como pós-graduandas do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia.

No esforço de olhar o que existe, é possível se deparar com uma produção interminável de sentidos, de afetos, escritos, palavras, poemas, imagens, entre tantas outras possibilidades. Dessa forma, este trabalho envolve-se por alguns atravessamentos, entre eles a construção de dissertações. No percurso, uma voltada a problematizar outros modos de ver e dizer a Amazônia; outra, o objetivo de borrar os modos de fabricação de uma suposta identidade de mulher amazônida e as produções de experimentações com palavras e imagens disparadas pelo Impacto social, critério exigido pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aos programas de pós-graduação. Essa produção foi organizada através de uma experimentação, utilizando-se de palavras e de imagens, com acadêmicos da Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA/ENS).

Nesses encontros-formação, que aconteceram de forma presencial, discutimos sobre o corpo-curriculo na constituição do professorar, organizados em três eixos disparadores. O primeiro articulado às experimentações do Ensino de Ciências no Currículo-corpo na formação de professores; o segundo, referente aos afetamentos sonoros residentes na constituição de uma docência no Corpo-sonoridade. Por fim, o terceiro está voltado a escrita autobiográfica imagética das múltiplas Amazônias e mulheres amazônidas, por meio das discussões de um corpo-fotografia.

A partir da experiência vivenciada no terceiro encontro, problematizamos aqui, outros modos de intensificar as visões inventivas para fissurar verdades sobre a Amazônia e mulher amazônida e seus efeitos na docência. Utilizamos a arte para estabelecer uma ponte com pesquisa e educação, através de um encontro com as diversas subjetividades e experiências. A arte como criação de vida e força molecular na desconstrução das naturalizações de uma do artístico reduzido e conformado a uma posição elitista.

Diante disso, tais discussões compõem uma docência que transver as Amazônias e as mulheres que nascem dela, porque dá vida e se materializa na configuração imagética e estética da existência.

A lembrança revê

As memórias acionadas pelos registros trazidos na escrita, assim como na oralidade, possibilitam reconstruir imagens, acontecimentos e experiências que produzem diferentes sentidos a cada pessoa. Para Berto (2019), a escrita seria um instrumento em busca de um *ethos* do sujeito, uma tecnologia de si que o leva para uma ascense do pensamento, cuja vida é compreendida e vivida como uma obra de arte. Assim, a produção de narrativa autobiográfica oferece outras formas de vida, trazendo à tona deslocamentos de sentidos numa trajetória pessoal e profissional. Nessa perspectiva, Chaves (2018, p 56) esclarece:

[...] escrita de si é compreendida como processo formativo por que possibilita ao sujeito, autoconhecer-se, desalienar-se de si por meio da autorreflexão criando um campo para o estabelecimento de novas bases interpretativas para as práticas profissionais, aqui particularmente a prática docente, e conseqüentemente para a (trans)formação delas.

Esse esclarecimento explica os pensamentos explorados a partir de diferentes modos de analisar a subjetividade, criando a possibilidade de nos (re)inventar, de fabricar princípios ético-políticos, discussões sociais, culturais, educacionais, além de compreender atividades cotidianas que nos movimentam na busca do novo, na invenção de si, por meio de experimentações e imersões em outros modos de viver na docência. “Na autobiografia, deixa-se aparecer posições de sujeito que se ocupa no cotidiano, criando um modo de (re)contar coisas que ficaram no passado, que naquele instante se torna presente e o futuro como a possibilidade de (re)invenção de um sujeito que se completa” (Chaves; Campo, 2016, p. 47-48).

A autobiografia, nessa perspectiva, ocorre de forma potencializadora de multiplicidades, desse modo consideramos a vida e suas imprevisibilidades. Dito isso, a autobiografia é uma ação pelos tons da criação por linhas das artistagens, do experimentar, e expressamos que essa aproximação é possível, porque pode ser dita como um modo artístico/inventivo e, como processo/criação. também há nessa experiência o movimento da linguagem que cria, haja vista que é um movimento que nos lança para fora das previsibilidades. E o que pode ser mais imprevisível que a vida? De mulheres-filhas-professoras-amantes?

Temos como ponto de partida nosso modo de olharmos para essa escrita como uma linguagem que produz o si, sendo que a escrita de si é um modo de prática de si. A autobiografia

pode ser uma linha nesse vergar-se, como possibilidade de um escrever-se, como criação que possibilita estranhamentos das verdades, prescrições estabelecidas nos emaranhados das relações no/do mundo social.

A autobiografia como uma perspectiva metodológica pode ser considerada fora dos modelos predominantes nos meios acadêmicos, por exemplo, e estamos bem acostumados nesse caminho marcadamente linear, mas não precisa ser somente desse modo, é possível sair para outros modos. Em outras palavras, um sair dessa rota fixa para deslocar-se, permitir que o corpo percorra outros caminhos. E esse movimento de “[...] deslocar-se teria relação com [...] a entrega a outros ritmos e rituais, [...] com o abandono de posições fixas, de verdades pré-estabelecidas” (Guimarães, 2018, p. 137).

A capacidade de reflexão sobre o que fazemos, faz parte da condição humana, e ela se dá pela linguagem como possibilidade de constante reinvenção de nós mesmos (Scholze, 2007). Essas ideias assumem a linguagem como parte central na materialização das coisas, pois entende-se que ocorre uma relação intrínseca entre a linguagem e o sujeito, e é através dela que é possível aos seres o conhecimento do mundo e a si.

Estas preocupações podem ser vistas a partir de perspectivas foucaultianas (Foucault, 2008; 1992), isto é, como a noção de sujeito do discurso e a escrita de si, em que o sujeito é constituído pelos discursos que o atravessam. Dessa forma, problematiza-se a organização das relações sociais na contemporaneidade, o questionamento sobre como as práticas discursivas são veiculadas e a disputa pelo lugar do discurso.

O interesse por essa problematização, por essas questões, relaciona-se à ideia foucaultiana de que a ética e a estética da existência, a construção do sujeito singular, o funcionamento das tecnologias do eu, presentes nas narrativas de si, são responsáveis por determinada forma de constituição do sujeito (Oliveira; Souza, 2015).

Portanto, ao problematizar as ideias que nos constituem e estão dispersas em diversas materialidades que nos levam a ensinar e a enxergar de determinada forma, por meio das autobiografias somos convidados a desnaturalizar as certezas que carregamos e a desconfiar das verdades que nos seduzem, ou seja, não sendo apenas um mero movimento descritivo de fatos. Nesse sentido, a narrativa de si é tomada como possibilidade de resignificação da existência, permitindo uma Pesquisa Autobiográfica pela Invenção de Si (Chaves, 2018).

A narrativa de si nos permite uma aproximação do movimento que os hypomnemata² visam efetuar, ou seja, “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo

² No sentido técnico, a hypomnemata poderia ser livros de apontamentos, registros públicos, cadernos de anotações pessoais que serviriam como memória. Seu uso como livro de vida, guias de conduta, parece ter se tornado alguma coisa corrente entre o público culto. Neles

contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pode ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (Foucault, 1992, p. 137).

O convite é pensar a escritura (auto)biográfica como ferramenta sem roteiros lineares e sem orientações de condutas. Assim, as narrativas junto as produções artísticas (a poesia, imagens, literatura etc) servem como exercícios alternativos de escrituras de formação que incitam à mobilidade, ao movimento de autoconstituição docente (Chaves, 2018).

Nesse movimento cabe a invenção, a ideia de multiplicidade, de distorção, a recusa, a experimentação, que são frutos de práticas discursivas e históricas. Por meio da escritura de si é possível experimentar e exercitar outros modos de subjetivação, escapando das produções formais dos textos acadêmicos que prescrevem e dão visibilidade a uma forma particular de compreensão do mundo, do outro, de nós e de nossas práticas.

Entendemos que a intersecção arte-filosofia, proposta pela “filosofia da diferença”, compreende que a arte e a própria filosofia se relacionam entre si, na medida em que essas duas disciplinas criadoras necessitam uma da outra para fazer suas respectivas criações, como aponta Damasceno (2017). Logo, pensar com a arte e a prática artística é o movimento que contribui como a própria filosofia, haja vista que, aquela com seus conceitos, provoca e estimula as transformações dos significados hegemônicos enraizados e abre espaço às singularidades.

Ao se pensar nessa criação, a escrita de si contribui para esta pesquisa, especialmente ao problematizar e constituir outras ideias de Amazônias e de mulheres amazônidas no contexto de uma docência amazônida, como possibilidade de lidar com o múltiplo.

Tomando a Amazônia como foco, quais mundos se abririam nesse exercício inventivo de pensar outras ideias de Amazônia? São postos elementos em (in)visibilidade ao falar da Amazônia? Como reconhecer suas expressões estéticas como potências para desequilibrar nossos modos de ver e perceber? Como compor com as multiplicidades amazônicas que nos atravessam? Seguindo por esses caminhos que constituem a problematização e o estranhamento, quais discursos ecoam sobre a suposta identidade da mulher amazônida? Como rascunhar outros modos de ver e dizer as mulheres amazônidas? Esses e outros questionamentos movem esta escrita.

apareciam citações, fragmentos de trabalhos, exemplos, ações testemunhadas, descrições, reflexões ou arrazoados que tinham sido ouvidos ou que tinham vindo à mente (Foucault, 1992).

A imaginação transvê

Este trabalho está ancorado na Pesquisa Autobiográfica pela Invenção de Si, enquanto fundamento teórico e metodológico se encaminha no viés da Filosofia da Diferença, tornando possível diferenciar-se e deslocar os significados.

Ao reivindicar a diferença em si, rompemos com algumas ideias, como a noção de identidade, geralmente reduzida como entidade estável nas autobiografias docentes, classificadas como traços e ações exclusivas de um “eu”. Para Chaves (2018), a identidade não é uma “essência colada em nós, mas posições que ocupamos na contingência tempo/espço sempre relativa a outrem”. Assim, somos o que não somos, a identidade nos é dada por uma cadeia de diferenciações que não remete a um eu definitivo, mas de um eu que dependerá da existência de outros que não somos nós.

A ideia da imagem como representação real do mundo ou da realidade é bastante comum. As imagens em repetição que, além de (re)afirmarem as culturas e aquilo que é tido como verdadeiro, criam verdades identitárias estabilizadas. Dessa forma, imagem que se desdobra em repetição está presente no mais diverso artefato cultural, nas mídias, no livro didático, nas músicas, nos currículos etc.

Esses modos de dar (in)visibilidade apagam múltiplas imagens que habitam o nosso corpo; diante disso, propomos pensar na imagem como movimento constante, não apenas sobre os clichês, ou escritas e imagens mais verdadeiras que outras; mas buscar abrir fendas, rasurá-las, multiplicá-las em criações poéticas.

Na tentativa permanente de (re)arranjar o vivido e o cortar, a partir dos acontecimentos, escrevemos a partir dos encontros; ou seja, como processo de invenção e o acontecimento daquilo que se constrói na relação das diferentes vozes, nas experimentações com as imagens, vídeos, sons, nas produções escritas que funcionam como um exercício para ver, ouvir, falar, sentir, inventar outras amazônias. Inventar é de uma (des)lógica de olhar a partir da imaginação.

É como fala Wunder (2008, p. 121), pensar em “Cenas que trazem a força poética que há nessas imagens comuns, em que aparentemente nada acontece. Um convite a pensar nas diferenças que se criam na repetição de imagens comuns. A diferença – acontecimento que se faz peça banal”, constituindo tentativas de um olhar que passa pelos mesmos lugares, paisagens, pessoas dia após dia, em contínuo escape por imagens que não param.

As aberturas que foram sendo permitidas, ainda que de formas diferentes, para que as linhas da vida-Amazônia adentrassem. (Des)aprender sobre fixações é de natureza de escancarar vidas, (des)caminhos que traçam possíveis aberturas, nascenças, atos inaugurais, fronteiras móveis. A vida

e suas imprevisibilidades. Idas para a criação, para a inventividade, para a artistagem, são processos e dobras!

ESTRANHAMENTOS, das verdades, das prescrições coladas em nós.

Abri, inventar. Verbos que convocam outras formas de ver/dizer uma (Ama)zônia, que ao se dizer como possibilidade de mapeamento de uma experimentação que nos (re)coloca nas estradas de água, de barro/terra, florestas, gentes, ao experimentar o artistar em nossos atravessamentos na/da vida. Desse modo a vida é mais do que conteúdos prescritivos de uma ciência que aprendemos e ensinamos para além de uma vida orgânica apenas, mas, a vida que acontece ao redor, articulada as potências, possibilidades, imprevisibilidades, inacabamento, e diferentes modos de subjetivação.

Admitindo uma noção de descontinuidades, das possibilidades de desvios e erros, do instante, do instável, de mutação...ela se abre e dilata em suas potencializações no/do(s) acontecimento(s) imprevisíveis.

Trata-se de imprevisibilidades nos entrelaçamentos das vidas, nas diferentes posições que colocamos e somos colocados, uma abertura para inventividade, para criação, para incertezas, para as relações, para a arte e outros variados saberes. Uma ideia de vida assim pode se aproximar daquilo que “[...] segundo Nietzsche é um constante criar e recriar [...]. É justamente por este aspecto que a Arte expressa de forma mais transparente o que a vida é, pois, a Arte é justamente o processo de criação e recriação sem uma finalidade para além da própria criação [...]” (Brandão, 2020, p.195).

Trata-se de criação que pode mobilizar inúmeros deslocamentos, algo que permitam o sentir, os afetos, viver de saudades, inaugurar chegadas e chorar nas despedidas, sobretudo naquilo que acontece nos diferentes modos, seja em processos formativos, seja nas circunstâncias da vida ou/e como professora(res) no criar, produzir, assumir, inventar. Como resultado, somos vidas de mulheres amazônidas, em movimento, em devir, andarilhamentos e motivada por essas dimensões, porque desejamos imaginar alguns desses meus movimentos na/com a vida, “[...] nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio” (Rosa, 1994, p. 412), por modos outros de (re)dizer a vida.

É preciso transver o mundo

Em nossas experimentações, lançamos uma pergunta que desafiava nossas criações: Quais Amazôniaas habitam em vocês? A partir disso também nos mobilizamos a pensar nas ideias de mulheres amazônidas ali presentes. Nosso encontro ocorreu na sala de aula e as cadeiras

comumente enfileiradas deram espaço para um rio de pano, cheio de poemas, objetos, pincéis, tesouras, fios, trechos de livros, imagens produzidas e/ou selecionadas pelos mestrandos.

Na Amazônia os rios falam. E foi de tanto ouvi-los que Thiago de Mello, poeta amazonense, faz-nos um convite: “Vem ver comigo o rio e as suas leis. Vem aprender a ciência dos rebojos, vem escutar os cânticos noturnos no mágico silêncio do igapó coberto por estrelas de esmeralda”. Desse modo, o propósito do nosso rio de afetos era inundar sentimentos e explorar imaginações que transbordam o tema.

Em rápidos frames, as primeiras cenas, o ritmo calmo e contínuo das águas barrentas do rio. Depois, sons de pés caminhando, prédios altos no horizonte, os ruídos do fogo incessante, arte amazônica em diferentes formatos. Essas e outras imagens e sons compuseram as projeções de vídeos exibidas na sala. Após as cenas do cotidiano amazônico múltiplo, vozes, mulheres amazônidas se inscrevem, trazendo em suas falas sua origem, força e transgressão em ser mulher, em ser amazônida. Em suma, há nesses cenários de encontros entre corpos e movimentos algo que chamaram outros corpos para dançar (Figura 1).

Figura 1 – corpos amazônidas em movimento



Fonte: Autoras (2024).

Entre poesia e filosofia há sensações sutis. O poeta Manoel de Barros, no livro *Ensaio Fotográficos*, destaca um desejo: “queria transformar o vento, dar ao vento uma forma concreta e

apta a foto. Eu precisava pelo menos encontrar uma parte física do vento: uma costela, o olho.... Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz” (Barros, 2000, p. 66).

Nesse sentido, qual tipo de lente seria capaz de capturar as Amazônias e as mulheres amazônidas existentes? Quando penso em uma escrita autobiográfica imagética das múltiplas Amazônias e mulheres amazônidas, meu corpo-fotografia busca não ter as imagens como representações visíveis e fixas, mas criações e invenções de outras visualidades, sobretudo onde seja possível articular educação, arte, linguagem, sujeito.

As respostas quanto a pergunta inicial chegaram também por objetos, como uma canoa feito de madeira, um arco e flecha, brincos e colares de penas, correspondentes às vivências de cada. Sentir, pensar e criar Amazônias de forma coletiva gera uma conexão pela composição entre as falas, os poemas, vídeos, sons, imagens e no convite que fazemos à entrada neste fluxo de criações. Desse modo, ouvir sobre os sentimentos, afetos, subjetividades e forças que cada graduando traz, percebemos que, de certo modo, compõe-se a Amazônia que habita em nós (Figura 2). Ao nos encontrarmos com outras mulheres amazônidas, cujas subjetividades fogem de ideias cristalizadas de uma aparência ou de um modo de ser, conexões potentes brotam nas diferenças.

Figura 2 – Rios de arte



Fonte: Autoras (2024).

Em geral, há uma Amazônia verde, cultural, habitada pelos povos indígenas e caboclos, distante de nós, e constitui a primeira imagem que nos atravessa e está presente nas falas e escritos dos acadêmicos. A rede tecida por essa Amazônia, tal como no trecho da toada do boi Caprichoso: “Amazônia são as cores/Consciência em preservar/Das marés à pororoca/Arvoredos, animais/Amazônia são as raças”. Revela a descrição dos elementos “naturais” da Amazônia, ou seja, apresenta um modo de vida amazônico.

Essa Amazônia verde, narrada a partir de seu bioma e riquezas naturais, é vista como verdadeira, naturalizada em diferentes campos. Esses modos de constituição da Amazônia atravessam e revelam nossas singularidades, porque podem ser vistos nos cartões-postais produzidos, e a enfatizam como “florestas, rios e animais” e como espaço que precisa de cuidados “[...] é o nosso dever, proteger, cuidar em qualquer momento que ela precisar”. Assim, tais fabricações dos modos de ver e dizer a Amazônia, também compõe nossa docência amazônida e como ela vai ser falada nas escolas, nos currículos, no ensino de Geografia.

Essa ideia foi nos compondo ao longo dos anos, sendo moldada desde a infância, na escola, nos noticiários e em tudo aquilo que nos cercava. Isto é, pintar as árvores de verde, cobrir desenhos de indígenas com cocares e penas, além de reproduzir frases como “vamos juntos preservar a Amazônia” – tudo isso foi fabricando verdades e modelando nossos comportamentos.

Quando ouvimos que a Amazônia remete à imagem do porto, cercado de barcos e gentes, afetamo-nos, pois, percebemos ali a aproximação de uma vivência. De certo modo, essa Amazônia presente nas miudezas do cotidiano abre espaço para uma segunda ideia e outras possíveis.

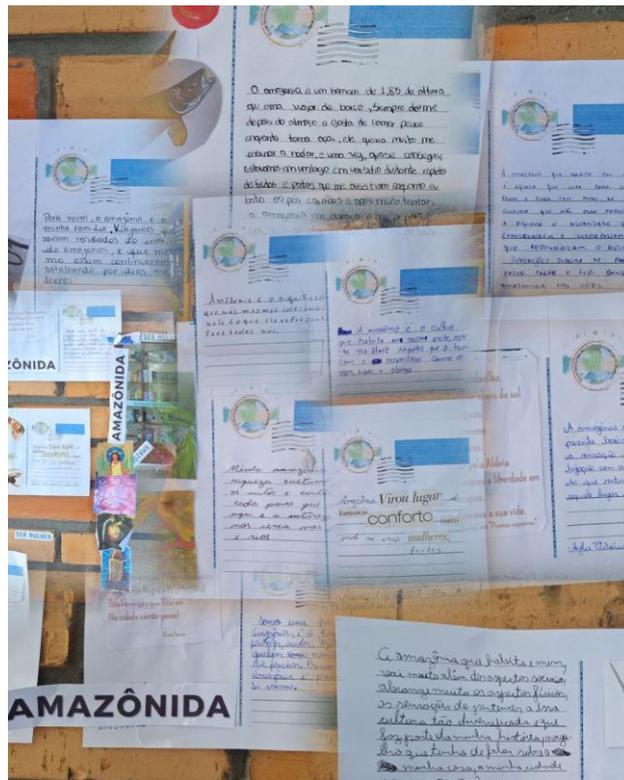
Outras forças capturadas nas produções dos cartões-postais são da mulher como mãe e colhendo folhas, demonstrando as associações feitas para a mulher amazônida ao cuidado, de forma materna ou do curandeirismo. Porém, ao dialogar com as participantes havia espaços para os (des)pertencimentos e mobilização de novos modos de ver e dizer a mulher amazônida. As discussões pós-estruturalistas nos impulsionam a desconfiar de tudo aquilo que é fabricado como verdadeiro pelas versões generalizantes, haja vista que nossas ideias passam por uma recomposição da Amazônia e mulher amazônida, buscando problematizar e romper com a homogeneidade imposta.

Uma das verdades desconfiadas é a da identidade, tendo em vista que diversos discursos de identidade são fabricados. A concepção iluminista parte, geralmente, do homem como ponto de referência, em que o sujeito nascia com sua essência e morria com ela, pautada na razão e na consciência (Hall, 2006). A segunda, descrita por Hall (2006), é a do sujeito sociológico, que considera as relações do sujeito com a sociedade. Nessa vivência, são transferidas noções de valores e símbolos, mas o sujeito ainda mantém uma “essência”.

A terceira concepção é a do sujeito pós-moderno, em que não existe uma “essência”. O sujeito deixa de ser estático e migra (se é que um dia esteve realmente fixo em uma só identidade) para um constante estado de transformação. É como se o indivíduo se transmutasse por variadas identidades, simultaneamente em diferentes momentos (Hall, 2006). Por aqui damos descontinuidade nas vias estáticas de conceber o sujeito, tendo em vista que não abrange as diferenças de ser e estar.

Nesse sentido, questiono-me de qual Amazônia falamos? Para Costa e Chaves (2017), ao redor da Amazônia exuberante é fabricada uma Amazônia do meio, menor, miúda que resiste na ordem discursiva vigente travando lutas. Nessas lutas também tentamos transver a mulher amazônida, buscando visibilizar aquelas que destoam com os estereótipos, geralmente da mulher indígena hipersexualizada, fugindo da visão colonialista (Barbosa; Neves, 2021), para uma transvisão. A Amazônia que borra uma suposta identidade amazônida é o que me interessa.

Figura 4 - Escritas imagéticas nas experimentações



Fonte: Autoras (2024).

“Sentimento de pertencimento”, essa foi uma das frases ditas por uma graduanda enquanto estávamos na roda de conversa. Essa sensação de pertencer a um território me toca e corresponde as minhas próprias experiências, pois, quando penso em Amazônia, imagino rios e florestas, mas

também a urbanidade, boi bumbá, arte, aspectos físicos, históricos, culinárias, línguas, religiões, pessoas diversas que não cabem em tentativas de unidade.

Na busca da rasura na qual outras Amazônias são possíveis, inspiro-me nos escritos dos postais, na qual a Amazônia pode ser “(des)abrigo” ou, “a minha casa”, ou “um homem de 1,85 de altura que ama viajar de barco”. Talvez uma Amazônia de 1,58, parintinense, cacheada, filha, professora, mestranda, tantas versões que pulsam de forma plural, seja Amazônia que nos habita. Desse modo, a “Amazônia virou lugar (esperança) e conforto onde se cria mulheres fortes”, como dito em um dos cartões-postais.

O diálogo com a arte e a escrita de si compõem uma docência que transvê as Amazôni(d)as, dá vida e se materializa na configuração imagética e estética da existência. Partindo dessa fluidez, como descrito por Malcher (2020), ao sentimento de não lugar, vivo como uma árvore, caminho como se meus pés não estivessem conectados ao chão. Apesar de ter raízes, tenho uma raiz de rio, de barco, de floresta, de cidade castigada e colonizada, porém forte, apesar de tanto e tudo. Assim como os rios do Amazonas, o percurso dessa docência amazônida não é reto, mas cheio de curvas, tortuosas, variadas e ziguezagueantes.

Aos olhos cansados que veem as coisas, objetos, pessoas e Amazônia(s), esperamos que os pensamentos e experiências inventivas aqui apresentados possam servir com linhas de fuga, para descobrir a vida que pulsa, seja nas imagens, seja nas escritas, nos sons, nos objetos; algo que, em geral, está em nosso cotidiano. Esses encontros perambulam e constituem os espaços e, ao percebê-las como mediadoras do pensamento, produzem vibrações da força de vida.

Considerações finais

A experimentação que mobiliza o si tem potencial de reinventar a Amazônia e a mulher amazônida, proporcionando a multiplicidade de vivências e modos. Ao inventar Amazônias, os participantes puderam enaltecer as miudezas do cotidiano, experiências e afetos que escapam da visão generalizante. A Amazônia pode ser transvista a partir dos cheiros, sons, imagens e sujeitos, experimentações singulares que vão para além de uma Amazônia esverdeada.

Dentre essas invenções, aqui enfatizamos as brechas para que os modos de ver e dizer as mulheres amazônidas possam escapar de representações, da identidade que nos invisibilizam e nos reduzem a ser uma coisa só. Como resultado, inscrevemo-nos nessa escrita e tentamos a todo momento borrar e rascunhar a identidade, a verdade e o estático. Desde a dança, movimentamos para ser outras e, ao fazer arte nos cartões-postais, mobilizamos a estética da existência.

Sendo assim, os efeitos desses encontros nos levam a sonhar com uma docência que possibilite outros modos de ver e dizer as Amazônias e as mulheres amazônidas, dando espaço para movimentos de (re)invenção e multiplicidades.

Referências

- BARBOSA, Yorranna Suilan Oliveira; DOS SANTOS NEVES, Ivânia. Dona Onete e sua interseccionalidade: a fissura no discurso colonial na contemporaneidade. *Humanidades & Inovação*, v. 8, n. 58, p. 40-56, 2021.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BARROS, Manoel de. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BERTO, Danila Faria. *À beira do abismo: entre literatura e escrita de si em Clarice Lispector*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 2019.
- BRANDÃO, Ricardo Evangelista. A arte como expressão da vida como vontade de poder em Friedrich Nietzsche. *Griot: Revista de Filosofia, Amargosa - BA*, v.20, n.2, p.190-201, junho, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v20i2.1726>.
- CHAVES, Sílvia Nogueira. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Org.). *Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.
- CHAVES, Sílvia Nogueira; CAMPOS, Joana D'arc Chaves de. Narrativa: autobiografia de formação. In: CHAVES, Sílvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de (Org.). *Formação, ciência e arte: autobiografia, arte e ciência na docência*. São Paulo: Livraria da Física, 2016.
- COSTA, M. O.; CHAVES, N. C. A Amazônia do meio. In: *Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação*, 4., 2017, Canoas – Porto Alegre. Anais [...]. Canoas – Porto Alegre, 2017.
- DAMASCENO, Verônica. Pensar com a arte: a estética em Deleuze. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. 11, n. 20, p. 135-150, jan./jun. 2017.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista em vídeo. França, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: Lógica da sensação*. Tradução Roberto Machado (Coord.). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. *A identidade cultural na pós-modernidade*, v. 10, 2006.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa, 2002.

MALCHER, Monique. *Flor de gume*. São Paulo: Pólen, 2020.

OLIVEIRA, Ilse Leone B. C. de; SOUZA, Katia Menezes de. A autobiografia como prática discursiva de constituição de sujeitos leitores. *Ráido*, Dourados, MS, v.9, n.19, 2015.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Ficção completa*: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 409-413.